

CARTA DE DESCARTES AO PE. MESLAND (1645/1646): SOBRE O MILAGRE DA TRANSUBSTANCIAÇÃO

Tradução de: Rafael Teruel Coelho¹

Introdução do tradutor

A presente carta de Descartes ao Pe. Mesland, embora não se possa precisar fielmente a data, foi enviada ao referido sacerdote momentos antes em que ele, designado para as missões evangelizadoras a serem realizadas nas Pequenas Antilhas do Caribe (especificamente em Martinica, região francesa ultramarina), despede-se de Descartes, amigo de longa data. Adam & Tannery notam que era bastante corriqueiro o fato dos missionários partirem de Marselha, em geral, no início da primavera (sobretudo por se tratar de um período em que se esperava três ou quatro meses de ventos favoráveis) (AT IV 345). Nesse sentido, é bastante crível que Mesland tenha embarcado rumo às Pequenas Antilhas na primavera de 1646, sendo a redação da carta de Descartes anterior a esse período.

Nessa interessante correspondência, Descartes aborda um dos temas muito pouco explorados pelos estudiosos de seus escritos: trata-se do dogma da Transubstanciação². Em diversas passagens, dentre elas uma carta a Mersenne de março de 1642, Descartes fora bastante claro ao afirmar sua religiosidade: “sobre testemunhar publicamente que eu sou Católico Romano, parece-me que já fiz isso muito expressamente várias vezes [...]” (AT III 543). Ao Pe. Mesland, de modo muito especial, ele chega a discutir o referido dogma, um dos mais importante para a cristandade, colocando-se especialmente de acordo com as Sagradas Escrituras, com Magistério da Igreja e com a tradição conciliar. Trata-se de um momento bastante significativo da vida de Descartes em que ele, de fato, se dedicou a explicar uma verdade de fé por meio da luz natural, tentando conciliar sua Física com as Verdades Reveladas.

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade de São Paulo. E-mail: teruel@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2573-1902>

² Crença cultivada entre os católicos de que, no instante em que o sacerdote pronuncia as palavras da Consagração, as espécies do pão e do vinho se mudam no Corpo e no Sangue de Jesus Cristo.

DESCARTES AO P. MESLAND

(Egmond, 1645/1646)

Meu Reverendo Padre,

Li com muita emoção o adeus que encontrei na carta que vós se destes ao trabalho de me escrever, e ela me teria tocado ainda mais [profundamente] caso eu não estivesse em um país onde vejo todos os dias várias pessoas que regressaram das Antípodas. Esses exemplos tão corriqueiros impedem-me de perder inteiramente a esperança de vos rever algum dia na Europa. E, ainda que o vosso desígnio de converter os selvagens seja tão generoso e muito santo, penso que não seja necessário muito espírito e conhecimento para tal, mas somente muito zelo e paciência, de modo que parece-me que os talentos que Deus vos deu pudessem ser melhor empregados na conversão dos nossos Ateus, que se orgulham de ter um bom espírito e querem se render apenas à evidência da razão. Isso me faz esperar que, após vós terdes feito uma expedição aos lugares aonde irás, e conquistado várias centenas de almas para Deus, o mesmo espírito que vos conduziu vos trará de volta, e isso eu desejo de todo o meu coração.

Vós encontrareis aqui breves respostas às objeções que fizestes o favor de me enviar no tocante aos meus *Princípios*. Eu preferiria escrever respostas mais longas, mas creio seguramente que a maior parte das dificuldades que vos ocorreram ao começar a leitura do livro se dissolverão por si mesmas quando vós terminardes de lê-lo.

A que vós encontrais na explicação do S. Sacramento me parece também poder ser facilmente resolvida. Isso em virtude de que, primeiramente, como não deixa de ser muito verdadeiro que tenho agora o mesmo corpo que eu tinha há dez anos, mesmo que a matéria da qual ele é composto seja alterada, pelo fato de que a unidade numérica do corpo de um homem não depende de sua matéria, mas de sua forma que é a alma, do mesmo modo, as palavras de nosso Senhor não deixam de ser verdadeiras: *Hoc est corpus meum, quod pro vobis tradetur*³, não vejo de que outra forma ele poderia ter falado para significar a Transubstanciação no sentido em que já expliquei.

Pois, no que diz respeito ao modo como o corpo de J.C. estava na hóstia que foi consagrada durante o tempo de sua morte, não sei se a Igreja determinou alguma coisa a esse respeito. Parece-me que é necessário ter o cuidado de distinguir as opiniões estabelecidas pela Igreja e aquelas que são comumente aceitas pelos Doutores, mas que

³ Isto é o meu corpo, que é dado por Vós.

são fundados em uma física mal assegurada. Todavia, ainda que a Igreja tivesse determinado que a alma de J.C. não estivesse unida ao seu corpo na hóstia que foi consagrada durante o tempo de sua morte, basta-nos dizer (para assegurar que ela [a alma de Cristo] estava verdadeiramente em seu corpo) que a matéria dessa hóstia estaria por isso disposta a unir-se à alma de J.C. do mesmo modo que seu corpo que estava no sepulcro, uma vez que a matéria que estava no sepulcro era então denominada o corpo de J.C. somente por causa das disposições que ela possuía de receber sua alma. Basta também afirmar que a matéria (da hóstia ou) do pão possuiria as disposições do corpo sem o sangue, e aquela [matéria] do vinho as disposições do sangue sem a carne, para assegurar, então, que o corpo sozinho sem o sangue estaria na hóstia, e o sangue sozinho [sem o corpo estaria] no cálice. Do mesmo modo, quando dizemos que é unicamente por concomitância que o corpo de J.C. está no cálice, podemos muito bem entender que a alma de J.C. esteja unida à matéria contida no cálice (do mesmo modo que um corpo humano inteiro), e, conseqüentemente, que essa matéria seja verdadeiramente todo o corpo de J.C., ela está unida a ele somente em virtude das disposições que o sangue possui de unir-se à alma humana e não em virtude das disposições que a carne possui. Assim, não vejo nenhum sombra de dificuldade em tudo isso. Mas, todavia, aceito voluntariamente convosco as palavras do Concílio que ele está [na hóstia] *ea existendi ratione quam vobis exprimere vix possumus*⁴.

Referência

DESCARTES, R. Oeuvres de Descartes. Charles Adam & Paul Tannery (org.). Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1996.

Recebido em: 16/09/2021

Aprovado em: 19/10/2021

⁴ De uma forma existencial que é inefável.